

# A RELAÇÃO FALADO/ESCRITO E A CONSTRUÇÃO DOS DADOS NO FÓRUM “ÍNDIO PATAXÓ”<sup>1</sup>

Manoel Luiz Gonçalves CORRÊA<sup>2</sup>

- RESUMO: Como parte do projeto de pesquisa “A comunicação via Internet como material de pesquisa: a construção de dados para uma abordagem transdisciplinar”, este trabalho visa discutir, a partir da relação entre o falado e o escrito, algumas possibilidades de tratamento dos dados lingüísticos do gênero “discussão no tribunal” via Internet.
- PALAVRAS-CHAVE: Gênero, “discussão no tribunal” via Internet; língua falada e escrita; comunicação via Internet; fórum; transdisciplinaridade; letramento.

## Introdução

O fórum “Índio Pataxó” está aberto à discussão na Internet provavelmente desde a semana da morte do índio pataxó, Galdino Jesus dos Santos, ocorrida dias depois de ter sido molestado por rapazes de classe média da cidade de Brasília, que atearam fogo ao seu corpo no dia 20.4.1997. Segundo a seção de Redação do ZAZ<sup>3</sup> São Paulo, não há como

---

1 Com o título “Os dados para análise numa abordagem transdisciplinar: primeiras discussões”, o presente trabalho foi apresentado no III Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, realizado no período de 12 a 16.4.1999, na UFAL-Maceió (AL). Uma versão parcial, bastante reduzida, foi publicada nos Anais daquele encontro com o título “Dados lingüísticos e discursivos no fórum ‘Índio Pataxó’: primeiras discussões” (Corrêa, 1999). A versão aqui apresentada é a integral.

2 Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – 05508-900 – São Paulo – SP E-mail: goncor@terra.com.br

3 ZAZ Nutechnet é um provedor de acesso à Internet com sede no Rio Grande do Sul e representantes nas cinco regiões brasileiras. As informações sobre o ZAZ Nutechnet que constam deste artigo baseiam-se em consultas à seção de Redação de São Paulo, na pessoa do Sr. Caiuke Severo, e em consultas (via correio eletrônico) ao Serviço de Atendimento Nacional do ZAZ São Paulo, do qual recebemos mensagem em 13.3.1999. A partir de 2000, a razão social do ZAZ passou a ser Terra Networks Brasil.

saber a data exata de abertura de um *grupo de discussão*, mas é certo que esses grupos são escolhidos e renovados todas as semanas (de acordo com as notícias de maior repercussão) e que ficam abertos por tempo indeterminado.

A questão lingüística básica deste trabalho é o modo de organização do oral/falado e do letrado/escrito nesse gênero textual que está em vias de se constituir e ao qual chamaremos "discussão no tribunal" (expressão tomada de Biber, 1988) via Internet.

Cabe uma explicação preliminar quanto à referência aos pares oral/falado e letrado/escrito. Em trabalho anterior (Corrêa, 1997a), optei por vincular os fatos lingüísticos falados e escritos às práticas sociais orais e letradas. Para tanto, parti de observação feita por Marcuschi (1995) sobre a divisão da observação dos fenômenos de linguagem em fatos lingüísticos (falados e escritos) e práticas sociais (orais e letradas). Minha contribuição se resume a defender que fatos lingüísticos e práticas sociais podem ser vinculados, uma vez que ambos são forjados na história, apresentando-se como regularidades socialmente estabelecidas.

Se, por um lado, pode-se argumentar que uma tal abordagem está sujeita a perdas no tratamento do fato lingüístico *stricto sensu*, por outro, deve-se considerar que apresenta um ganho teórico significativo na medida em que essa reconfiguração dos fenômenos de linguagem permite tratar da interpenetração, isto é, da constituição heterogênea, desses dois tipos de prática. Em termos do material de análise, por exemplo, ela permite considerar, além dos elementos de natureza verbal, elementos não-verbais como os gestos (presentes no oral/falado), bem como recursos gráficos que vão além dos tradicionalmente codificados para a escrita alfabética e para os recursos auxiliares dos diacríticos e da pontuação (presentes no letrado/escrito).

A escolha de um meio de comunicação ainda pouco estudado (a Internet), o estudo de um gênero textual que está em vias de se fixar como tal ("discussão no tribunal" via Internet) e a proposta de abordagem anteriormente referida são três desafios que desembocam num quarto: como deve constituir-se o dado para análise quando se está diante de um material de natureza tão complexa?

No grupo de estudos<sup>4</sup> de que faço parte, a construção dos dados tem se baseado num tratamento transdisciplinar do material para aná-

---

4 Grupo de estudos, informalmente constituído desde o primeiro semestre de 1998, sobre "A comunicação via Internet como material de pesquisa: a construção de dados para uma abordagem transdisciplinar" com a participação dos pesquisadores: Flávia Millena Biroli (Unicamp-SP), Marcos César Alvarez (UNESP-Marília-SP) e Lourenço Chacon Jurado Filho (UNESP-Marília-SP).

lise. Mais especificamente, esse tratamento tem sido buscado numa zona de contato da Linguística (em meu caso particular, no campo da Linguística Aplicada – LA) com a Sociologia e a História. No que se refere à LA e considerando os dados colhidos no *grupo de discussão* Caso Pataxó, procuro, ao mesmo tempo, descrevê-los como dados que merecem uma análise a partir do sistema da língua (como dados linguísticos propriamente ditos) e como dados cujas regularidades permitem melhor compreender sua constituição histórica e as práticas sociais que os tornaram possíveis.

A apresentação dos resultados que obtive até esta etapa dos trabalhos do grupo de estudos seguirá a seguinte ordem: apresentação do material em estudo; circunscrição do campo de investigação a partir do qual se dará a abordagem transdisciplinar; modo de constituição dos dados linguísticos; uma proposta de análise a partir de um exemplo do material levantado; considerações finais.

## **Apresentação do material**

Segundo a seção de Redação do ZAZ São Paulo, o fórum é um “canal” do provedor de acesso à Internet. Funciona “como um Caderno do jornal impresso”. Fórum é, portanto, “o nome do produto oferecido pelo provedor e é composto por um conjunto de grupos de discussão”.<sup>5</sup> Pretende ser um espaço no qual as pessoas possam comentar os assuntos propostos. O Serviço de Atendimento Nacional do ZAZ assim define o funcionamento de um fórum: “fórum são áreas onde qualquer pessoa interessada em determinado assunto levanta um tópico e permite assim uma discussão entre os interessados sobre aquilo” (Mensagem de 17.3.1999).

A seção denominada Fórum pelos provedores da Internet caracteriza-se pela formação de *grupos de discussão* sobre assuntos polêmicos e obedece a uma classificação segundo rótulos auto-explicativos, denominados *temas*, tais como: *Atualidades, Esportes, Sexo, Cidades, Cinema, Música, Novelas e Tecnologia*. Cada *tema* é subdividido em *assuntos*.

O *assunto* Caso Pataxó aparece como parte do *tema Atualidades*, ao lado de mais de cinquenta outros *assuntos*, tais como: *Aborto, Aci-*

---

5 Embora o provedor de acesso à Internet faça uma distinção entre *fórum* e *grupo de discussão*, optei por utilizar, neste trabalho, a designação *Fórum Caso Pataxó* para me referir ao *grupo de discussão* de mesmo nome.

*dentes aéreos, "Che" Guevara, Cigarro, Caso Pataxó, Drácula, Esoterismo, Educação no Brasil, Fim do Mundo, Fonte da Juventude, Grito dos Excluídos, Gustavo Kuerten, Reforma Agrária, Rodízio, Tamanho é documento?, Tropicalismo, Violência* etc. À primeira vista, a diversidade contida na rubrica *Atualidades* parece ter, como único princípio organizador, a ordem alfabética em que os assuntos são apresentados.

Há, porém, ao lado dessa aparente desorganização temática, uma organização institucional. Para utilizar o jargão jornalístico, esses assuntos poderiam ser classificados como "pautas que rendem". Como dissemos, os *grupos de discussão* são renovados semanalmente e, segundo informação da seção de Redação do ZAZ, é a repercussão (nacional e/ou internacional) de uma notícia ocorrida na semana o critério para escolha dos assuntos. A diversidade de matizes que, num primeiro momento, surpreende não vai muito além, portanto, de um elenco de generalidades com apelo comprovado em outros veículos da mídia. Com uma diferença importante: ao contrário da mercadoria lingüística que é vendida em outros meios, aqui quem escreve é o próprio usuário.

A semelhança com o procedimento da mídia tradicional não fica apenas na escolha das pautas. Segundo a seção de Redação do ZAZ São Paulo, haveria também a figura do que eu chamaria um editor. Ele determinaria o assunto a ser proposto como *grupo de discussão* e o faria a partir do que foi notícia na semana. Também de acordo com o Serviço de Atendimento Nacional do ZAZ, respondendo à consulta feita por correio eletrônico:

é difícil determinar a origem dos fóruns. Eles normalmente são criados com assuntos muito genéricos e, caso tenham repercussão, permanecem no ar até que não haja mais tráfego de mensagem. (Mensagem de 17.3.1999).

Depois de instalado o *grupo de discussão*, o papel desse editor seria, segundo a Redação do ZAZ São Paulo, "visitar o grupo" e "retirar mensagens não pertinentes ao assunto, como as de anúncio de produtos ou serviços". Quanto a esse procedimento de censura, não há preocupação, por exemplo, com o uso de palavrões, mas há a retirada de mensagens racistas. Um exemplo desse procedimento, fornecido pela Redação do ZAZ São Paulo, foi o caso de uma garota que escrevia a mesma mensagem racista em vários *grupos de discussão*. Esse tipo de função não se confunde, porém, com a do "moderador de grupo", que não existe nesse tipo de fórum. Segundo a mesma fonte, a figura do moderador seria desejável e, futuramente, talvez seja implantada. Na ausência de

um moderador, esses grupos não sofrem, portanto, nenhuma interferência quanto à direção ou ao "aquecimento" do debate, sendo as mensagens enviadas os próprios motores da discussão. Essas informações foram confirmadas nas informações colhidas junto ao Serviço de Atendimento Nacional do ZAZ: "*normalmente*, não há intervenção sobre as mensagens (o que você chama de edição). Todos são livres para postarem suas opiniões" (Mensagem de 17.3.1999, grifo meu).

A presença de um moderador define, segundo essa mesma fonte, um outro tipo de fórum: "Há outros tipos de fóruns onde há moderadores, e são necessários outros pré-requisitos" (Mensagem de 17.3.1999).

Desse modo, pode-se dizer que a provocação ao internauta provém, sobretudo, do caráter apelativo da pauta de assuntos, mas, no interior de cada grupo, ela vem também sob a forma de uma breve apresentação do assunto, denominada *abertura*, seguida de solicitação de resposta. Eis a *abertura* do Caso Pataxó:

Tema: Atualidades

Assunto: Caso Pataxó

Autor(a): Admin <Email desconhecido>

A decisão da juíza Sandra Mello no julgamento dos quatro jovens que queimaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos é justa? Sandra entendeu que os jovens não queriam a morte do índio e a pena prevista neste caso é de quatro a 12 anos.

Caso a juíza tivesse classificado o ato dos rapazes como homicídio intencional, a pena prevista seria de até 30 anos de cadeia.

Como você julgaria o Caso Pataxó?

Resposta

Autor:

Email (opcional):

Título: Re: Caso Pataxó

Resposta:

(Segue uma legenda de sinais gráficos, os chamados "emoticons",<sup>6</sup> que designam atitudes ou estados de espírito do internauta, os quais não pude reproduzir

---

6 Ao tratar da heterogeneidade dos materiais significantes nas mensagens enviadas via BBS, Komesu afirma: "os emoticons, smilies ou CHARACTERETAS são freqüentemente utilizados nas mensagens veiculadas pelo BBS ou pela Internet. Os emoticons (para lê-los, a pessoa deve inclinar a cabeça para a esquerda) são construídos a partir de sinais de pontuação e são utilizados na escrita para a expressão de sentimentos humanos, tais como o riso :-), a tristeza :-(, a indiferença :-.|." (1997, p.25-6). Note-se que a autora fala dos *emoticons* forjados pelos usuários a partir de sinais de pontuação. Os que citei acima são fornecidos pelo próprio programa que disponibiliza o fórum em rede (não pude reproduzi-los em meu computador).

no formato word de meu computador: dúvida, idéia, novidade, ok, triste, furioso, concorda, discorda.)

Acrescente-se que, algum tempo depois da implantação do Fórum, foi inaugurada uma página contendo um breve relato sobre o caso, seguido de recomendações de leitura, sugeridas como leituras prévias<sup>7</sup> (embora não obrigatórias) à participação do internauta:

No dia 20 de abril de 1997, em Brasília, jovens delinquentes atearam fogo ao índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, que dormia indefeso em uma parada de ônibus, por não ter conseguido entrar na pensão em que estava. Dias depois, veio a falecer, com queimaduras em todo o corpo.

A juíza Sandra de Santis Mello, na sentença de pronúncia, desclassificou o crime dos jovens para lesão corporal seguida de morte, o que, na prática, tornou o crime de competência de juiz singular e reduziu a pena máxima.

A sentença despertou polêmica na mídia nacional e internacional, mas pouco se viram estudos que realmente estudassem o caso sob o prisma jurídico, e não meramente emocional.

Nesta página, você tem acesso a muitas informações (os grifos indicam *links*) sobre o caso:

O Jus Navigandi traz, em primeira mão, a íntegra da sentença de pronúncia da juíza, que desclassificou o crime, e ainda do *recurso em sentido estrito do Ministério Público relativo a esta sentença*.

E mais:

No parecer do penalista Damásio E. de Jesus, a pedido do Ministério Público, entendendo ser o crime um homicídio com dolo eventual.

O caso foi amplamente discutido em várias listas de discussão jurídicas na Internet, das quais se destacaram várias opiniões interessantes, vindas de internautas de todo o Brasil.

O estudante Nélson Zunino Neto, de São João Batista, Santa Catarina, coletou opiniões dos juristas internautas exaradas nestas listas de discussão.

Veja os debates sobre o caso pataxó nas listas de discussão.

Caso você prefira, o texto dos debates também está disponível em formato Word.

Para retirá-lo, clique aqui.

O arquivo tem 206 KB.

---

<sup>7</sup> Embora o Supremo Tribunal Federal tenha encaminhado os acusados ao júri popular, esse documento não faz parte do recorte do material aqui analisado, uma vez que foi posterior a esse recorte.

Caso prefira, você pode também retirar o mesmo texto, compactado em formato ZIP, com apenas 65 KB, clicando [aqui](#).

*Veja ainda o relatório do Conselho Indigenista Brasileiro analisando o caso.*

Este texto foi fornecido por Nélson Zunino Neto, e faz parte do arquivo Word disponível acima.

Depois de tudo,

*visite a seção de Debates do Jus Navigandi e escreva sua opinião sobre o caso,*  
e ela será exposta no ar imediatamente.

Voltar para a página principal

Esta página entrou no ar em 19/09/97 e foi atualizada em 19/11/97

O material contabilizado nesse fórum é composto de 301 (trezentas e uma) mensagens, entre 20.8 e 10.9 de 1997. Desse total, selecionamos para pesquisa 110 mensagens, tomadas em seqüência, para melhor apreender a dinâmica dialógica do fórum. Por razões que explicitaremos a seguir, apenas uma dessas mensagens será analisada neste artigo. As datas das mensagens aparecem no índice dos internautas que antecede à seção de Debates propriamente dita, mas não aparecem junto ao texto da mensagem. Portanto, quem estiver navegando na seção de Debates não saberá a data em que uma dada resposta foi escrita. Estas devem ser preenchidas no formulário de resposta presente na *abertura* do grupo de discussão (acima). Note-se, porém, que cada nova mensagem é um elemento provocador de respostas e, da mesma forma que a *abertura* do grupo de discussão, apresenta um formulário para resposta.

Num parêntese, gostaria de dizer que, neste trabalho, aplico, experimentalmente, a esse material algumas conclusões a que cheguei em minha tese de doutorado (Corrêa, 1997a). A partir da leitura de todas as mensagens, pude constatar que o modo heterogêneo de constituição da escrita está muito presente nos textos do fórum. Não foi possível, porém, como costuma acontecer com os projetos chamados paralelos, analisar em detalhe cada uma das mensagens presentes no material. Optei, então, por fazer uma análise preliminar, visando à discussão e conseqüente confirmação ou desconfirmação das hipóteses levantadas.

Fechado o parêntese, prossigo com a apresentação do material. Segue um exemplo de mensagem:

Tema: Atualidades

Assunto: Caso Pataxó

Autor(a): A. C. DO N. <xxxxxx@xxxxx.com.br>

(emoticon = "furioso")

Simplemente lamentável tal decisão dessa Juíza em dizer que esses “animais” se assim os podemos classificar, em dizer que os mesmos não tinham intenção em matar “um ser humano” totalmente indefeso. Afinal ela faz parte dessa prole de afortunatos. (E se os “animais fossem “pretos”? e pobres o que iria dizer essa “senhora?..será?”)

LAMENTÁVEL, o STJ deveria dar uns férias para essa Senhora se tratar de sua “Saniedade Mental” sendo após afastá-la definitivamente.

Resposta

Autor:

Email (opcional):

Título: Re: Caso Pataxó

Resposta:

(Segue a mesma legenda de sinais gráficos, os chamados “emoticons”, designando atitudes ou estados de espírito do internauta: dúvida **?**, idéia, novidade, ok, triste, furioso, concorda, discorda.)

Portanto, o internauta que acessar a mensagem acima e quiser responder ao autor deverá fazê-lo no espaço reservado à resposta. Em ambos os casos, respondendo ao autor ou respondendo ao texto da *abertura* fornecido no fórum, sua mensagem será imediatamente tornada pública. A disposição gráfica das mensagens no *grupo de discussão* permite saber se uma resposta foi dada a um internauta ou à página de abertura, bastando observar o seu alinhamento. Aquelas respostas que vêm alinhadas à esquerda são respostas dadas no formulário de abertura proposto pelo ZAZ; por sua vez, aquelas respostas alinhadas com recuo (para dentro) são dadas a outros internautas, ou seja, são “*subdiscussões*”. Pode-se perceber, pela tela do fórum, que durante mais ou menos dois meses houve uma discussão mais intensa entre os próprios internautas.

Apresentado o material coletado, passo a circunscrever o campo de investigação, expondo em que medida esse campo permite o tipo de abordagem que será utilizado.

## **Linguística aplicada e abordagem transdisciplinar**

Uma das mais alentadas qualidades da Linguística foi, e em certo sentido ainda é, a sua cientificidade. O grande impulso saussuriano para a constituição da Linguística como ciência foi, talvez, atribuir aos fatos de língua uma ordem inspirada numa outra ordem que, na época, já era atribuída aos fatos sociais. A idéia de totalidade como produto da ordem

atribuída aos fatos de língua permitiu imaginar um objeto autônomo e homogêneo, fato que foi determinante não só para a existência da Lingüística como ciência, mas também para a sua presumida independência como disciplina científica.

Esse parentesco de natureza filosófica entre a ordem da língua e a ordem social, que alguns afirmam ter dado base à constituição da lingüística como disciplina científica, tem tomado, no decorrer do século XX, um aspecto até certo ponto paradoxal. Talvez porque o parentesco entre fato de língua e fato social tenha sido cada vez mais reconhecido como de natureza processual, já há algum tempo uma nova totalidade, desta feita instável e baseada na heterogeneidade ordenada da língua, parece atualmente supor um contato entre fronteiras disciplinares. Essa aproximação entre os dois tipos de fatos pode ser constatada nas várias formas de incorporação dos fatos sociais ao tratamento dos fatos de língua. Para evitar uma longa descrição desde a consideração dos atos de enunciação até a sociolingüística, a pragmática e a análise do discurso, passarei a falar de um tipo de pesquisa científica que procura escapar aos limites canônicos de uma disciplina. Nos estudos da linguagem, esse tipo de pesquisa tem caracterizado o campo da Lingüística Aplicada; no Brasil, particularmente a partir da década de 1990.

Tida, por muito tempo, como uma subárea da Lingüística, a LA caracteriza-se por uma contribuição aos estudos da linguagem necessariamente informada pelos dados que analisa. Não há pesquisa básica ou teórica em LA se não houver um diálogo entre os fatos de língua e uma prática lingüística determinada. Para dizer de outro modo, fato de língua e fato social se aproximam de uma forma especial nas pesquisas em LA e essa aproximação traz questões que requerem a contribuição de áreas vizinhas.

Há quem veja essa atenção ao dado especialmente sob o ângulo da oposição teoria e prática. Dessa perspectiva, há quem afirme que as pesquisas em LA favorecem a fusão entre pesquisa básica e pesquisa teórica. Esta parece ser, por exemplo, a posição de Moita Lopes (1998). Posição semelhante é defendida também por Celani (1998, p.133), que considera esse tipo de investigação – tendo em vista sua preocupação “com o social, com o humano” – uma pesquisa “ao mesmo tempo teórica e aplicada, situando-se entre o domínio da pesquisa fundamental, em que prevalece a busca do saber por si mesmo, e o domínio da ação informada, em que predomina o útil, o prático, a eficácia”.

Nos últimos dez anos, passou-se a discutir em LA a conveniência de uma pesquisa “transdisciplinar”, destacada por Serrani-Infante (1998,

p.143-4), "para aprofundar a compreensão de processos estudados, e para problematizar conceituações e procedimentos metodológicos em mais de uma disciplina, a partir de perguntas provindas do campo aplicado". O destaque a essa mesma linha de raciocínio é dado também por Signorini (1998, p.99-100), para quem a LA "tem se configurado ... como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas, não somente na área dos estudos da linguagem, como também na da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Psicanálise, entre outras". Destaque-se ainda que, segundo Celani (1998), "transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a *coexistência* em um estado de *interação dinâmica* ... A mera justaposição de saberes não leva à interação, condição essencial para a transdisciplinaridade". E parafraseando Serrani, a autora continua: "não se buscam contribuições de outras áreas, mas sim a participação ativa de pesquisadores das áreas envolvidas, a fim de se dar conta da problematização que a abordagem do objeto de estudo proposto provoca em cada área" (ibidem, p.132-3, grifo no original).

No estudo do fórum "Índio Pataxó", o interesse de uma pesquisa transdisciplinar a partir do campo da LA nasce da necessidade de se compreender um gênero textual que está em vias de se fixar como tal. Na extensa gama de tópicos abordados em LA, o presente estudo se enquadraria melhor no que se tem chamado de Letramento. Nesse campo, Kleiman (1992, p.33) nota "com relação à escrita ... uma ausência quase total de pesquisas que investiguem seu impacto na sociedade, o chamado fenômeno de *letramento*, apesar da importância desse fenômeno dado o contexto brasileiro, em que o sistema de classes está ancorado no acesso diferenciado das diversas classes sociais à 'tecnologia' da escrita" (grifo no original).

Neste trabalho, entendo letramento como um fenômeno histórico-cultural mais amplo do que a alfabetização e vinculo os diferentes tipos de letramento a realidades sócio-históricas e culturais determinadas. Quando se trata de escrita via Internet, a questão do letramento toma outros contornos e o acesso diferenciado a que Kleiman (1992) se refere aparece ainda mais acentuado, fato que, por si só, justificaria esta pesquisa. No entanto, se o problema prático a ser considerado fica assim enunciado, a questão teórica que mobiliza pesquisadores vindos da Sociologia, da História e da Linguística é a de como se dá a construção dos "dados" para análise a partir dessa visão transdisciplinar.

## A construção dos dados lingüísticos

Dos vários sentidos em que um fenômeno lingüístico pode ser construído como um dado para análise, destacaria três: a) pode ser tomado como produzido pela natureza das coisas (é um dado natural e constrói-se, como tal, a partir de si mesmo); b) pode ser inventado ou adaptado por um pesquisador “mal-intencionado”; e c) pode ser produto de uma abordagem baseada em questões que interessam a uma ou mais disciplinas. É naturalmente neste último sentido que entendo a construção dos dados para análise. Isso significa que o material para análise, como recorte de um universo mais amplo, só pode ser entendido como um dado depois que se façam a ele as questões pertinentes a uma ou a mais de uma disciplina.

Desse modo, a simples manutenção do termo *corpus*, para referir a um conjunto fechado de fatos lingüísticos brutos, não é suficiente para construí-los como dados para análise. Quando, porém, se busca, num conjunto de fatos lingüísticos, a localização de um problema lingüístico, já se dá um passo na direção de uma construção dos dados pelo analista. No entanto, esse procedimento não pode ser fortuito (pelo contrário, deve ser sistematicamente elaborado) e, se tiver uma pretensão explicativa, não pode restringir-se a uma simples descrição.

Que tipo de fato lingüístico pode funcionar, então, como dado para análise quando se considera a relação entre o oral/letrado e o falado/escrito exemplificada no fórum “Índio Pataxó”?

Trata-se, em primeiro lugar, de trabalhar no limite entre os fatos de língua (produtos sociais mais ou menos estáveis ligados à persistência de seu uso pela coletividade) e os fatos de discurso (produtos sócio-históricos, de natureza processual, portanto). Esse cruzamento entre fatos de língua e fatos de discurso se dá, pois, como um *acontecimento discursivo*, em que as intervenções dos participantes não são localizáveis diretamente em um interlocutor, mas na relação que se estabelece entre interlocutores. E essa relação se dá sempre no interior de um gênero discursivo, categoria lingüístico-discursiva que acomoda, a sua maneira, as mais diversas variedades sociolingüísticas e institui um modo particular de apropriação enunciativa da língua e de interpelação do outro.

Ao abordar o Caso Pataxó, procuro trabalhar com as práticas orais/letradas e faladas/escritas como marcas lingüístico-discursivas da relação entre os interlocutores num gênero que está em vias de se constituir – a “discussão no tribunal” via Internet. Cabe, portanto, observar, nas

relações particulares estabelecidas entre os interlocutores, marcas de sua sistematicidade lingüística e de sua regularidade como prática social. Proponho-me fazê-lo pela consideração da interpenetração entre os fatos lingüísticos do falado/escrito e das práticas sociais do oral/letrado.

## **Uma proposta de análise: exemplo em uma mensagem do fórum**

Segundo Martins (1957, p.34-5):

Um passo de conseqüências incalculáveis foi dado quando o homem, na tarefa de fixar e de transmitir o pensamento, percebeu que lhe era possível substituir a imagem visual pela sonora, colocar o som onde até então tinha obstinadamente colocado a figura. Dessa forma, o sinal se libertaria completamente do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, que é oral.

Dáí surgiram os dois tipos de escrita que marcam essa grande revolução decisiva: a escrita silábica, na qual o sistema se funda em "grupos de sons", representados por um sinal, e a escrita alfabética, em que cada sinal corresponde a uma letra. A segunda representa, por conseqüência, um progresso com relação à primeira, porque atinge o limite da análise que ela tinha iniciado. Assim, pois, pode-se dizer que a escrita alfabética representa, com relação à silábica, uma complexidade maior de ordem ideológica, mas uma inestimável simplificação técnica. De posse da letra, o homem adquiriu um instrumento de uma docilidade, de uma flexibilidade infinita. Todos os caminhos da linguagem escrita lhe estavam abertos daí por diante – inclusive, o que anteriormente seria inimaginável, o da escrita, ou interpretação de línguas desconhecidas ...

Sem "significar nada", a letra permitiu a escrita, e permitiu, sobretudo, o mais simples e o mais perfeito de todos os sistemas de escrita, que é o fonético.

Numa primeira aproximação, a escrita presente no fórum "Índio Pataxó" seria, do ponto de vista dos progressos apontados por Martins, um retrocesso. Ao lado da escrita alfabética, aspectos como a prévia composição gráfica da página e o uso dos chamados *emoticons* (figuras que designam atitudes dos escreventes) permitiriam dizer que um certo tipo de linguagem ideográfica está voltando a compor o texto escrito ao lado da escrita alfabética.

Nenhum tipo de retrocesso pode ser visto, porém, quando se leva em conta o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores. Quais-

quer que sejam os destinatários (um outro internauta, o texto de abertura do fórum, a juíza etc.), fica construída uma situação de enunciação marcada pela proximidade entre os participantes. Esse envolvimento dos interlocutores poderia levar um observador desatento a classificar esse gênero como mais próximo daqueles tipicamente orais. No entanto, por se tratar de um julgamento público, essa “discussão no tribunal” adquire um caráter funcional próprio do discurso jurídico. Ora, sabe-se que, nesse tipo de discurso, predomina a referência aos gêneros tipicamente escritos, mesmo quando se trata de gêneros jurídicos falados. Há, portanto, como mostrarei a seguir, uma interessante alternância entre as referências orais e as referências escritas presentes no gênero “discussão no tribunal” via Internet, em que fica clara a interpenetração entre as práticas orais/faladas e as práticas letradas/escritas, evidenciando a constituição heterogênea dessa escrita.

### **Marcas do oral/falado do gênero “discussão no tribunal” via Internet**

Para que se constate como a tomada de palavra se investe da informalidade das práticas orais/faladas na “discussão no tribunal” via Internet, seria interessante lembrar que expressões fáticas do discurso jurídico – como a fórmula introdutória de argumentação divergente da de outrem *data venia* (= com a devida permissão), por exemplo –, poderiam estar sendo supridas, nesse gênero, por *emoticons* como “furioso”. É importante destacar, porém, que a construção desse registro informal se distancia bastante das que conhecemos nos gêneros falados informais. O caráter ideográfico é, no caso do *emoticon* citado, uma forma de representar um gesto, mais precisamente um ricto facial. Por meio de recursos gráficos, portanto, ficam representadas a co-participação dos interlocutores num mesmo ato de enunciação e a atitude de um interlocutor em relação a um assunto e/ou a seu destinatário.

No exemplo abaixo, gostaria de observar, em primeiro lugar, as partes sublinhadas:

Tema: Atualidades

Assunto: Caso Pataxó

Autor(a): Tiago Wiedemann <endereço eletrônico>

(EMOTICON = “FURIOSO”)

Acho que eles não pensavam em matar o índio, pois pessoas que cometem este tipo de violência não devem ser capazes de pensar!

Todos eles são filinhos de papai (para não dizer coisa pior) e acho que não tem nehuma noção do valor de uma vida. Afinal matar uma pessoa já é uma violência tremenda, agora queimar um ser humano por pura diversão é no mínimo repugnante, uma mostra de psicose. E vocês viram a desculpa deles? Eles pensavam que era um "mendigo" e por isso tocaram fogo. Meu Deus! Um mendigo é um ser humano como qualquer outro, assim como um índio, e talvez melhor do mutos filinhos de papais.

Bem, agora a *sociedade precisa mostrar sua força. Não podemos ficar calados e deixar que o dinheiro interfira na justiça. Precisamos pressionar para que a juíza volte atrás* em sua decisão. Como fazer isso? Do mesmo jeito que derrubamos Collor, protestando, enviando nosso repúdio a Juíza (seja por Fax, Carta, e-mail, etc.).

Se alguém ai trarabliha [*sic*] em alguma Câmara de Vereadores, *pressiona* para que *esta mande moções de repúdio a atitude da juíza*, ou se alguém ai trabalha em qualquer outro órgão público, *ajude* a pressionar. *Esse fato vai abrir um precedente muito grande, e nós não podemos deixar morrer o sentimento de justiça.*

Resposta

Autor:

Email (opcional):

Título: Re: Caso Pataxó

Resposta:

(Segue a legenda de sinais gráficos, os chamados "emoticons".)

Atentando apenas para as partes sublinhadas, pode-se dizer, sem exagero, que esse exemplar do gênero "discussão no tribunal" tem como função representar, à maneira de uma cena dramática, a própria conversação. Mas esse retorno à figuração – que, a se basear em Martins, o homem já teria vencido com a invenção da escrita alfabética – não se limita, como procurarei mostrar, ao uso de *emoticons*, uma vez que a complexa conjunção gráfica oferecida pela Internet tem correspondente no modo como, nesse gênero, as várias dimensões da linguagem podem estabelecer essa figuração da conversação.

Começo pelo *emoticon*. Além de sua função fática de tomada da palavra já comentada, pode-se observar uma função pragmática importante. Colocado no início do corpo do texto, a indicação "furioso" revela a atitude do escrevente em relação ao assunto que aborda. Note-se que se trata de um processo de marcação da *força ilocucional* bem diferente dos processos utilizados nas diferentes línguas, entre os quais Searle (1981, p.43) inclui: "pelo menos, a ordem das palavras, o acento tônico, a entoação, a pontuação, o modo do verbo e os verbos chamados 'performativos'". Também seu funcionamento é diferente da explicitação de atitude sintaticamente construída no plano da proposição. Como se sabe, o

próprio Searle distingue, no plano da proposição, “dois elementos da estrutura sintática da frase”, aos quais chama de “marcador de força ilocucional” – do tipo: “eu juro...” – e “marcador de conteúdo proposicional” – “que estou indignado” – p.43-4). Mas como nas mensagens do fórum trata-se sempre de uma anteposição do *emoticon* ao corpo do texto, fica clara a explicitação da força ilocucional *para o texto como um todo*. De meu ponto de vista, não haveria razão, portanto, para isolar um tratamento pragmático do *emoticon* de um tratamento lógico do conteúdo do corpo do texto, já que um único e mesmo processo de textualização afeta tanto a atribuição de atitude por parte do escrevente como a representação de estados de coisas do mundo a partir dessa atitude. Como ficou dito, o *emoticon* é a figuração de um gesto, às vezes de um ricto facial, traço não-verbal articuladamente presente na conversação e que no texto da “discussão no tribunal” tem como escopo o material verbal que o sucede.

Um outro modo de figuração da conversação se dá pela tentativa de reprodução fiel (termo a termo) da fala pela escrita, o que, no exemplo acima, pode ser observado no plano ortográfico. Nesse plano, o escrevente parece tomar a correspondência entre a fala e a escrita segundo o princípio: para cada som uma letra, numa representação termo a termo que evitaria certos dígrafos e mesmo certos ditongos (*filinhos* em vez de filhinhos; *nehuma* em vez de nenhuma; *mutos* em vez de muitos<sup>8</sup>).

Operadores argumentativos como “agora” em “Afinal matar uma pessoa já é uma violência tremenda, agora queimar um ser humano por pura diversão é no mínimo repugnante” parecem também ocorrer com mais frequência em contextos orais e, quando em contextos escritos, servem para reproduzir contextos informais mais próximos das práticas orais/faladas, evidenciando a participação dos interlocutores pela sobrevivência de uma marca enunciativa de tempo (cf., a respeito, Risso, 1993).

De modo semelhante, a interlocução direta pelo uso do pronome de tratamento “você” e a remissão ao espaço do destinatário pelo advérbio “aí” configuram também um espaço conversacional muito próximo das práticas

---

8 Um presumido erro de digitação nas grafias de “nehuma” e “mutos”, alegado a partir do fato de que o escrevente não é consistente no erro (o restante da mensagem), não mudaria essa interpretação, uma vez que a tendência a automatizar erros nesses pontos pode estar evidenciando, no ato quase mecânico da digitação, o mesmo tipo de representação termo a termo do oral pelo escrito. Note-se que, no caso do dígrafo, trata-se de uma redução gráfica para atingir uma representação termo a termo e que, no caso do ditongo, trata-se da identificação entre a percepção de uma única emissão de voz (característica do ditongo) e a representação a partir de uma única letra. Em ambos os casos, o mesmo princípio parece estar regendo essas escolhas: o de que a escrita alfabética seria uma representação termo a termo dos sons da fala.

orais/faladas. Neste último caso, observa-se a referência ao espaço do destinatário. Uma referência ao grupo com o qual o escrevente se comunica, combinada com a localização espacial de indivíduos do grupo, permite dizer que enunciados desse tipo poderiam ser ouvidos numa interpelação direta de uma conversação ao vivo (*Se alguém aí trarabha [sic] em alguma Câmara de Vereadores ... ou se alguém aí trabalha em qualquer outro órgão público, ajude a pressionar*”).

A dinâmica conversacional aparece ainda no encadeamento argumentativo do texto. Pode-se notar que o escrevente responde, ironizando, mas sem retomar explicitamente, à afirmação de que os rapazes incriminados não tinham intenção de matar o índio (“Acho que eles não pensavam em matar o índio, pois...”). Esse recurso argumentativo é característico da conversação, em que se pode pressupor o que acabou de ser dito sem que se prejudique a compreensão. No fórum, isso é bastante comum, pois há, mesmo que acronicamente e em espaços diferentes, uma *interação centrada* (cf. Marcuschi, 1986, p.15 e 77) em torno de um tópico.

Ainda no plano argumentativo, pode-se observar o recurso às perguntas (“E vocês viram a desculpa deles?” e “Como fazer isso?”) e à exclamação (“Meus Deus!”), ambos muito presentes na conversação e com vetores apontados, respectivamente, para o destinatário e para o remetente.

Por fim, gostaria de destacar o uso do operador *bem*, cuja informalidade situa o texto numa região mais próxima de práticas orais/faladas. Sua função é a de ligar dois momentos do texto: um primeiro, em que a argumentação vem predominantemente marcada por traços de práticas orais/faladas; e um segundo, em que a argumentação passa a ser uma incitação à ação. Nesse segundo momento vem à tona um certo tipo de discurso político bastante vulgarizado especialmente pela TV. Apesar da informalidade que denota, essa referência ao texto escrito para ser falado na TV marca predominantemente, nas várias dimensões da linguagem, traços de práticas letradas/escritas. Sobre esses traços, passo a falar neste ponto.

## **Marcas do letrado/escrito no gênero “discussão no tribunal”**

Como destaquei ao tratar do uso dos *emoticons*, embora o material semiótico utilizado no gênero “discussão no tribunal” via Internet seja sempre o gráfico, ele não se restringe à escrita alfabética. Estamos diante

de um gênero escrito em que a composição gráfica da página tem o formato previamente estabelecido de um formulário – trabalho que envolve uma longa tradição letrada, desde as *listas* e *quadros* dos primórdios do registro da memória pela escrita, mencionados por Goody (1979), até as técnicas mais recentes de organização de dados e de programação visual –, em que há disponibilidade prévia de recursos expressivos icônicos (trabalho de uma cultura gráfica, sintetizada num programa computacional) e, finalmente, em que há a disponibilidade da escrita alfabética (trabalho de uma tradição escrita baseada na representação da forma da expressão oral).

Nota-se, portanto, que, ao lado da informalidade do gênero estudado, uma característica eminentemente gráfica está presente, o que evidencia a forte referência a práticas letradas/escritas presentes nesse gênero.<sup>9</sup> Basta, para tanto, pensar nos requisitos de letramento necessários para se preencher um formulário. Como se sabe, não é raro que pessoas altamente letradas, com grande domínio da escrita alfabética e da leitura, encontrem dificuldades em certas práticas letradas, como no preenchimento de formulários.

Para que se constate que as referências às práticas letradas/escritas não se restringem à utilização do material gráfico, passo a falar sobre como essas referências atingem as várias dimensões da linguagem verbal. Trato, desta feita, das partes destacadas em negrito no texto já citado.

Além do formulário, que se enraíza nas mais remotas formas de letramento e que funda, nesse gênero, o caráter de prática letrada/escrita, essa mensagem apresenta, como já disse, dois momentos distintos, dos quais o segundo se aproxima mais de práticas letradas/escritas.

É interessante observar que, imediatamente antes do operador *bem*, que liga os dois momentos do texto, aparece uma marca morfosintática de recurso a práticas escritas instituídas. Observe-se o uso de *filinhos de papaiS* e compare-se com a outra ocorrência, seis linhas acima, em que o escrevente usa *filinhos de papaiφ*. Há, nessa inconsistência, mais que uma simples distração. Pode-se ver nela uma marca da transição de um registro a outro – uma hipercorreção –, por meio da qual

---

9 Para maiores detalhes sobre o funcionamento das referências orais/faladas e letradas/escritas em sua associação com práticas discursivas provenientes do campo jurídico e do campo político, conferir Alvarez (1999). Sobre a questão das fontes orais e das fontes escritas no trabalho do historiador, conferir Biroli (1999b).

o escrevente antecipa que seu texto passará a tomar como referência as práticas letradas/escritas. Isso, de fato, acontece.

O caráter incitativo do tipo “jornalismo-denúncia” marca esse momento em que o texto assume o tom de um texto escrito para ser falado, típico de meios como o rádio e a TV: “agora a sociedade precisa mostrar sua força. Não podemos ficar calados e deixar que o dinheiro interfira na justiça. Precisamos pressionar para que a juíza volte atrás”. Note-se que, ao contrário do que seria esperado para um texto falado, não há implicação do processo subordinativo, ficando por exemplo marcada, em lugar dessa implicação e apesar da simplicidade dos enunciados, a presença do subjuntivo.

Na seqüência, no momento em que o escrevente volta a estabelecer uma interlocução direta com o destinatário, são as marcas de práticas letradas/escritas (entre as quais o uso do subjuntivo – com função de imperativo – e a escolha vocabular) que dão sustentação à argumentação “se alguém aí trarabla [sic] em alguma Câmara de Vereadores, pressione para que esta mande moções de repúdio a atitude da juíza, ou se alguém aí trabalha em qualquer outro órgão público, ajude a pressionar”. É também um traço muito claro do registro escrito a tentativa de adaptação, para o texto em questão, do uso anafórico de “esta”. Importa, pois, nesse caso, que o escrevente tenha procurado filiar seu texto às práticas letradas/escritas e não o efeito duvidoso produzido por esse uso.

Por fim, o escrevente assinala novamente o caráter incitativo, já referido: “esse fato vai abrir um precedente muito grande, e nós não podemos deixar morrer o sentimento de justiça”.

Feitas as observações acerca da interpenetração das práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, passo a fazer algumas considerações sobre esse gênero que está em vias de se instituir.

## **Considerações finais**

Ao tratar da *constituição dos dados lingüísticos*, afirmei que esses dados seriam construídos a partir das relações particulares estabelecidas entre os interlocutores. O que acabo de mostrar, ao destacar a heterogeneidade de marcas orais/faladas e letradas/escritas na constituição da escrita do gênero “discussão no tribunal” via Internet, tem como objetivo estabelecer uma entrada para observar o tipo de relação entre os interlocutores.

Para não me estender ainda mais, enumero a seguir as características básicas dessa relação e dos dados que se abrem à análise quando se toma o trabalho científico num campo transdisciplinar.

## **O meio e o público**

1 No fórum, a conjugação de materiais significantes que dá corpo a esse tipo de prática escrita caracteriza os interlocutores como altamente letrados no que se refere ao letramento exigido – basicamente icônico – para chegar a sua página inicial. Uma capacitação mínima em tecnologia informática é também exigida. Esse alto grau de letramento, porém, combina-se com práticas orais/faladas bastantes primitivas quando se considera a relação efetivamente estabelecida entre os participantes dessa “discussão no tribunal”. A discrepância entre o alto grau de letramento exigido e o alto grau de informalidade que pode ser conseguido no fórum, revela que, na Internet, o tipo de escrita se caracteriza por um complexo de signos icônicos e verbais sem nenhuma exigência prévia de domínio da variedade culta da língua. Há, apesar disso, uma exigência quanto a um certo tipo de letramento e, ligada a ela, restrições de ordem socioeconômica e cultural. Portanto, considerando esta última restrição, o tipo de letramento exigido e a informalidade da relação interlocutiva possível no funcionamento do fórum, pode-se ter uma idéia de quem não é público cativo desse tipo de prática lingüística. Ou seja, a abertura para a participação universal não oculta um sem-número de exclusões. No Caso Pataxó, uma exclusão importante – apesar da participação institucional do Conselho Indigenista Brasileiro – é a dos próprios índios.

2 Para o lingüista, sobretudo para aquele que, no interior do campo da Lingüística Aplicada, estuda as questões do letramento, destaco três interesses da determinação do público por sua relação com o meio utilizado: a) a relativização da escrita institucionalizada pela escola como o modelo único de língua; b) a atenção às formas de integração da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, esta última, em geral, posta à parte mesmo pela chamada lingüística da enunciação (que considera as situações de comunicação como um dos elementos indispensáveis para a determinação do sentido dos *acontecimentos discursivos*); c) a atenção ao tipo de seleção de participantes que caracteriza esse gênero num país como o Brasil. Tanto quanto para o lingüista aplicado, para o

sociólogo, esse modo de determinação do público é muito importante, uma vez que a relação do público com tipos determinados de letramento revela como e em que mãos está a apropriação simbólica de uma sociedade, fato indispensável para quem precisa descrevê-la e explicá-la. Para o historiador, não é diferente, pois a relação público/tipo de letramento impõe uma atenção às formas tradicionais de letramento, remanescentes ou não no letramento atual, sendo esse um modo de acesso indispensável para quem precisa chegar às fontes como registros de múltipla temporalidade, a meu ver, o aspecto definidor do trabalho do historiador em sua necessária busca da complexidade enunciativa<sup>10</sup> dos textos.

### **As relações intertextuais e o público**

1 No fórum, há inúmeras possibilidades de relações intertextuais já propostas como tais. A começar pelos próprios textos da seção de Debates. Além dessas, o ZAZ apresenta a página de *abertura* com um resumo do Caso Pataxó e oferece acesso: à sentença de pronúncia da juíza Sandra de Santis Mello; ao recurso do Ministério Público referente à sentença expedida pela juíza; ao parecer do penalista Damásio E. de Jesus, dado a pedido do Ministério Público, entendendo ser o crime um homicídio com dolo eventual; a opiniões de juristas internautas exaradas nas listas de discussões jurídicas na Internet; ao relatório do Conselho Indigenista Brasileiro, analisando o caso; e a matérias do jornal *O Globo*. Naturalmente, esse grande número de textos não encerra a lista de possibilidades de relação intertextual nem tampouco significa que as posições defendidas correspondam a número tão elevado. A escolha dessas posições, por parte dos internautas, permite reuni-los segundo as perspectivas de leitura assumidas, fato que delinea práticas de leitura mais ou menos comuns do ponto de vista cultural e ideológico.

2 A determinação do público por meio das relações intertextuais estabelecidas no texto é útil não só ao lingüista aplicado – para quem, especialmente em se tratando das questões de linguagem advindas das diferentes formas de letramento, interessam as formas pelas quais o internauta se atribuiu um lugar ao atribuir posições ao(s) outro(s) em seu texto –, mas também ao sociólogo – para quem essa determinação

---

10 A respeito da relação entre complexidade enunciativa e paradigma indiciário nos trabalhos do historiador e do lingüista, conferir Corrêa (1997b).

dos participantes por meio dos territórios enunciativos distribuídos no texto toma contornos mais ou menos precisos quando ligada a práticas sociais em processo de fixação, de manutenção ou de extinção –, e ao historiador – para quem a determinação do público por meio da rede de remissões intertextuais pode ser vinculada a processos históricos (e, portanto, localizáveis no tempo e no espaço), inclusive como antecipação de processos em estado de projeto.<sup>11</sup>

## **As representações sobre as práticas orais/faladas e letradas/escritas e o público**

1 Embora neste trabalho não tenha sido privilegiado o aspecto das representações sobre essas práticas por parte dos internautas, este é um elemento importante para detectar as relações que se estabelecem entre os interlocutores. A hipercorreção e o emprego anafórico questionável de “esta” são dois exemplos de como a referência a práticas letradas/escritas está regulada por um certo tipo de representação social dessas práticas. No caso, é o prestígio que a escrita institucionalizada goza na sociedade que está contando para essas escolhas. Há, por outro lado, momentos em que um maior grau de informalidade é buscado nas práticas mais típicas do oral/falado, ocasiões em que a escrita aparece como retrato fiel da situação concreta de fala. Exemplo desse tipo de representação da escrita é a interlocução direta pelo uso do pronome de tratamento “você” ou pela remissão ao espaço do destinatário por meio do advérbio “aí”, ambos configurando um espaço conversacional muito próximo das práticas orais/faladas. No caso, é a representação que o internauta faz da situação concreta (como requerendo registro informal), do assunto (como requerendo envolvimento) e/ou do(s) interlocutor(es) (como estando numa relação de proximidade espacial e hierárquica) que impõe uma representação da escrita como figuração de uma cena conversacional.

2 Mais uma vez, para o linguista aplicado em suas preocupações com os problemas de linguagem advindos das diferentes formas de letramento, a relação que o escrevente mantém com a escrita é crucial para a determinação de como ele se posiciona em relação ao seu processo de escrita, ao já escrito e ao já falado: se mais numa relação de

---

11 Sobre a concepção da história como projeto, conferir Biroli (1999a).

reprodução do instituído, se mais numa relação de figuração mecânica do ato conversacional concreto. Estar atento a dados como esses pode revelar muito sobre a atitude do escrevente em relação ao tema de que trata e ao(s) seu(s) interlocutor(es). Para o sociólogo, a identificação que o escrevente manifesta em relação a uma dessas práticas pode servir como indicio de sua filiação a certas práticas discursivas, bem como de sua posição nas relações entre diferentes práticas. Do mesmo modo, para o historiador, a relação que o escrevente mantém com a escrita permite estabelecer o tipo de inserção histórica do escrevente, ou seja, permite determinar o que (e por que) ele tende a preservar e o que (e por que) ele tende a alterar das representações historicamente herdadas.

Desse modo, seja na constituição dos dados para análise do linguísta ou no estabelecimento das fontes para o sociólogo e para o historiador, a relação do público usuário com o meio, com outros textos e com a própria escrita<sup>12</sup> é fator indissociável da constituição daqueles dados e daquelas fontes. Uma pesquisa que se quer transdisciplinar deve, pois, levar em conta que os dados/fontes não se oferecem de maneira automática ao pesquisador e que a sua constituição deve passar pelas zonas de fronteira entre as disciplinas.

CORRÊA, M. L. G. Spoken and written language relationship as well as the construction of data in the forum "Índio Pataxó". *Alfa (São Paulo)*, v.43, p.45-68, 1999.

- **ABSTRACT:** *This study is part of a longer Research Project named "Communication on the Web as material for research: the construction of data for an interdisciplinary approach". Based on the relationship between spoken and written language, we discuss some possibilities of dealing with linguistic data extracted from the "panel discussion" genre on the Web.*
- **KEYWORDS:** *"Panel discussion" genre on the Web; spoken and written language; communication on the Web; forum; transdisciplinarity; literacy.*

## Referências bibliográficas

ALVAREZ, M. C. Entre a estrutura e a prática social: o fórum "Índio Pataxó" e a construção dos dados pela Sociologia. MOURA, D. *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999. p.238-41.

---

<sup>12</sup> Remeto, uma vez mais, a Corrêa (1997b).

- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BIROLI, F. M. *A nação diante do suicídio de Vargas: uma análise do discurso do PCB*. Campinas, 1999a. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.
- \_\_\_\_\_. O fato na mídia e a mídia como fato: o fórum “Índio Pataxó” como fonte histórica. In: MOURA, D. *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999b. p.233-7.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. C. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.129-42.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas, 1997a. Tese (Doutrado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP Marília (SP)*: UNESP, 1997b, p.165-85.
- \_\_\_\_\_. Dados linguísticos e discursivos no fórum “Índio Pataxó”: primeiras discussões. In: MOURA, D. *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999. p.229-32.
- GOODY, J. *La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage*. Paris: Minuit, 1979.
- KLEIMAN, A. B. O ensino de línguas no Brasil. In: PASCHOAL, M. S. Z., CELANI, M. A. A. *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1992. p.25-36.
- KOMESU, F. *A notícia digital*. Bauru, 1997 (Trabalho de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq-PIBIC, apresentado como Projeto Experimental à FAAC-UNESP-Bauru).
- LOPES, L. P. M. da. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. C. *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas. Mercado de Letras, 1998. p.113-28.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. Oralidade e escrita: texto da conferência pronunciada no I Colóquio Franco-brasileiro sobre linguagem e educação. UFRN, 26-8 jun. 1995, p.1-17.
- MARTINS, W. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- RISSO, M. S. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p.31-60.

- SEARLE, J. R. *Os actos de fala*: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1981.
- SERRANI-INFANTE, S. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. C. *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.143-67.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. C. *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.99-110.

## **Bibliografia**

- ABAUURRE, M. B. M., FIAD, R. S., MAYRINK-SABINSON, M. L. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ABL), Mercado de Letras, 1997.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional, Edusp, 1976.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita*: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DUCROT, O. *Estruturalismo e linguística*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1971.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- KLEIMAN, A. B. O estatuto disciplinar da linguística aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. SIGNORINI, I., CAVALCANTI, M. C. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.51-77.
- MARCUSCHI, L. A. Premissas para um tratamento adequado da oralidade e da heterogeneidade linguística no ensino de língua materna. In \_\_\_\_\_. *O tratamento da oralidade no ensino de língua* (em preparação), s.l.: l.n., p.1-14 (xerox).
- PRETI, D. *Sociolinguística*: os níveis da fala. São Paulo: Edusp, 1997.
- VERÓN, E. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1980.